

ANGELS IN AMERICA: O ANJO DO APOCALIPSE DE TONY KUHSNER

Vanessa Cianconi¹

“There are no gods here, no ghosts and spirits in America, there are no angels in America, no spiritual past, no racial past, there’s only the political, and the decoys and the ploys to maneuver around the inescapable battle of politics”

(Millennium Approaches, Act III, Scene 2)

RESUMO

Angels in America traz para o palco personagens metafísicos que ligam o passado, o presente e o futuro. Esses personagens fantasmagóricos são a memória de um passado abjeto que não pode ser esquecido. O anjo, ou o Poder Supremo Continental da América, é a representação do que Dan Vogel chamou de "mobilidade ascendente" como uma marca do caráter americano. Este texto pretende resignificar esse anjo como o anjo da morte, mesmo em um momento de esperança.

Palavras-chave: Tony Kushner; fantasmagoria; política

ANGELS IN AMERICA: TONY KUHSNER'S APOCALYPSE ANGEL

ABSTRACT

Angels in America, a 1987 play, brings to the stage metaphysical characters that link past, present and future. These phantasmagoric characters are the representation of a past that cannot be forgotten. The angel, or the Continental Principality of America, is the representation of what Dan Vogel called “ascendant mobility” as a mark to the North American character. To him, the US is a tyrannical country. This text intends to re-signify the angel as the angel of death, even in a time of hope.

Keywords: Tony Kushner; phantasmagoria; politics

¹ Professora Adjunta de Literatura Americana, Faculdade de Letras, UERJ.

Angels in America: a Gay Fantasia on National Themes, peça de duas partes escrita entre os anos de 1986 e de 1990, do dramaturgo estadunidense Tony Kushner, foi ao palco pela primeira vez em 1991, sob a direção de Oskar Eutis, no Mark Taper Forum em Los Angeles. No entanto, a peça, ganhadora de vários prêmios como o Pulitzer Prize for Drama e o Tony Award for Best Play, somente teve sua estreia na Broadway três anos depois em 1993. A peça extremamente política que traz ao palco temas como AIDS, religião, homossexualismo, também traz para o mesmo palco seres sobrenaturais como fantasmas e anjos. Erroneamente vista somente como uma peça sobre a AIDS e a comunidade gay, *Angels* é muito mais do que isso. *Angels* é uma peça sobre sofrimento, sobre abnegação, sobre abjeção, sobre medo, sobre política, sobre história, sobre a banalidade do mau e, também, sobre a AIDS e a comunidade gay. Desta forma, esse ensaio pretende olhar para o anjo da América não como um anjo em si – alado e de branco - (algumas adaptações de *Angels* não caracterizam o anjo da América como um anjo típico do imaginário religioso cristão – como a brasileira, dirigida por Paulo de Moraes e a da Berkeley Repertoire Theater, dirigida por Tony Taccone), mas como um emissário da morte, do fim da história. Portanto, toda e qualquer menção à descrição da primeira aparição do anjo da América ao final da adaptação televisiva de *Millenium Approaches* não será analisada aqui, mas contrário ao que deseja Tony Kushner, em várias de suas marcações cênicas¹ altamente controladas, o novo emissário da morte não tem asas prateadas, mas como um anjo caído, suas asas são pretas.

Walter Benjamin, em sua nona tese sobre a história, discorre sobre uma aquarela onde um anjo olha para trás. O olhar deste anjo, pintado por Paul Klee, personifica um olhar melancólico na direção do passado, mas, ao mesmo tempo, este mesmo anjo é impulsionado para um futuro desconhecido por uma tempestade que se prende em suas asas. O pavor do anjo é claramente representado no seu olhar. O movimento do anjo na contramão das catástrofes da história, com seus olhos escancarados e sua boca aberta, mostra a expressão aterrorizada do que é estar dentro desta história. A utopia messiânica de Benjamin lembra o leitor, ou o observador, de um estado utópico que nunca será realizado, de um paraíso que nunca poderá ser recriado no futuro. A cadeia de acontecimentos, para o anjo, é uma catástrofe única, pois ele não consegue enxergar o

que é preciso aceitar. O paradoxo entre o futuro totalmente desprovido de esperança e a cadeia de eventos catastróficos leva a esta impossibilidade de enxergar claramente o presente.

O anjo criado por Tony Kushner em *Angels in America* é uma representação do anjo de Benjamin, quase que às avessas. O paraíso perdido coberto com escombros vai na contramão do que Ron Scapp, em seu artigo “The Vehicle of Democracy: Fantasies toward a (Queer) Nation”, afirma existir. Para ele, há uma promessa de futuro, uma promessa de prosperidade. A desconstrução da narrativa racional do progresso anunciando “O Grande Trabalho começa:/O mensageiro chegou” [The Great Work Begins:/The Messenger has arrived], ao final de *Millenium Approaches*, mantém e reitera o futuro como a promessa da democracia. Ele ainda considera que *Angels* oferece um veículo em direção ao progresso como a bênção do anjo que é o Poder Supremo Continental da América: Mais Vida! [Continental Principality of America: More Life!]. Nas palavras de Scapp, esta bênção anuncia um veículo homossexual, pois o anjo não está simplesmente apontando para uma extensão de vida na América do Norte como esta foi historicamente constituída, mas, ao invés, oferece um futuro diferente, uma esperança *gay* para o futuro. Os raios brilhantes de esperança que emanam da bênção do anjo podem mostrar uma América sob uma luz diferente. A esperança é que a visão do anjo produzida pela AIDS pode fazer com que haja uma mudança na América. Ao contrário do que aponta Scapp em seu artigo, não acredito que haja de fato uma promessa de prosperidade e nem uma esperança *gay* para o futuro. O futuro é parte de uma cadeia infinita de ações e reações que faz com que as atitudes do passado reflitam no presente. As ruínas e as catástrofes da história tiram do presente qualquer lampejo de esperança, inviabilizando o grande trabalho do anjo de Kushner. Vale lembrar que “o grande trabalho” somente poderia ser executado pelo Poder Supremo Continental da América. Dan Vogel lembra o que Ralph Henry Gabriel chamou de “lei fundamental” da democracia americana: a existência da moralidade universal, a santidade da existência do indivíduo e do individualismo, a benevolência e a inevitabilidade do progresso. Para Vogel, estes princípios do pensamento americano fornecem um discernimento do que ele considera o caráter estadunidense e de onde se origina o tipo mais importante da tragédia americana – o tirano (SCAPP, 1997, p. 91,92). Bernard

Knox definiu o tirano como um exemplo para todos os homens, um soberano feito e um símbolo apropriado para o homem civilizado. O anjo, ou o Poder Supremo Continental da América, é a representação do que Vogel chamou de "mobilidade ascendente" como uma marca do caráter americano. Para ele, todo o país tomou a feição de um tirano. O individualismo norte-americano baseado no destino manifesto faz com que o anjo estadunidense seja o único capaz de executar "o grande trabalho". Logo, o anjo seria uma representação do poder manipulador estadunidense, isto é, do tirano norte-americano. O poder que, mesmo não podendo ser definido como tal, transforma os EUA no país mais poderoso do mundo, principalmente durante os anos da Guerra Friaⁱⁱ. Da mesma forma, Freddie Rokem, filósofo israelense, considera que “as ruínas e as catástrofes da história que o anjo vê foram amontoadas e se refletem na gente quando olhamos para ele, criando uma constelação performática de contemplação, compreensão e até discernimento” (ROKEM, 2005, 47%). A dúvida, para mim, é se realmente existe algum discernimento. Se o anjo serve como testemunha do fluxo total da história, e se seu olhar é o reflexo desse amontoado de escombros, esse reconhecimento torna-se inevitavelmente alienado através da história e suas catástrofes recorrentes. A dimensão temporal existente na distância física entre a pintura e o observador também serve para ilustrar o que é a história para o segundo – uma corrente de eventos distintos, enquanto, para o anjo, a mesma cadeia de eventos é uma “ruína sobre ruína”. O paraíso não é o lugar de uma utopia maravilhosa, mas de uma tempestade cuja violência o carrega para um futuro inconcebível. A beleza do anjo de Paul Klee não está nos traços de seu rosto, mas no significado da memória que vem atrelada a ele. A memória que recorrentemente tenta ser esquecida é rememorada pelo anjo, lembrando que há momentos da história que não podem ser jamais esquecidos, sob o risco de serem repetidos. Esta memória que precisa ser lembrada é a ausência da aura no anjo de Klee, ou o silêncio mencionado por Theodor Adorno: “não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada, mas que pede silêncio” (ADORNO, 1998, p. 25). Este silêncio pode ser a última oportunidade do estadunidense de refletir sobre ele mesmo, sobre o que ele está fazendo em nome de uma mentira provocadora que se alastra rapidamente, através da mídia, para controlar, como marionete, um povo

já amedrontado que receia falar. A falta de esperança e de discernimento é, de fato, o reflexo da sociedade norte-americana da contemporaneidade.

A aparição do anjo da América é, de alguma maneira, prenunciada por Prior ainda no primeiro ato, durante uma conversa entre ele e Louis sobre a recém-descoberta doença que provavelmente irá matá-lo. Prior refere-se à primeira lesão da AIDS como “o beijo vinho do anjo da morte” (KUSHNER, 2003, p.22). O anjo da morte ou o anjo do apocalipse guia, de alguma maneira, toda a peça. *Millenium Approaches* termina com a aparição do anjo para Prior. Aqui, o anjo da história de Walter Benjamin se transforma finalmente no anjo do apocalipse de Kushner. David Savran comenta que “apesar de a construção do anjo reprimir a sua historicidade, o Paraíso que ela/ele chama de casa é explicitamente o produto (e vítima) da temporaneidade.” (SAVRAN, 1995, p.20)ⁱⁱⁱ *Perestroika* inicia com a destruição causada pela entrada traumática do anjo ao final de *Millenium Approaches*. Uma membrana se partiu; há muita desordem e escombros. Segundo o anjo, o Paraíso “é uma cidade muito parecida com São Francisco” (KUSHNER, 2003, p. 47)^{iv}, o que remete o leitor ao terremoto que aconteceu naquela cidade em 18 de abril de 1906, deixando-a completamente destruída. De fato, naquele dia deus abandonou todos os seus anjos e nunca mais voltou. O paraíso aqui não é mais uma utopia, mas um local muito parecido com o que é a Terra. Deus está, de fato, morto, e sua morte somente trouxe desespero e desesperança.

Os escombros do paraíso de Tony Kushner são as mesmas ruínas avistadas pelo anjo de Walter Benjamin. Os fragmentos largados pelo chão reverberam no esquecimento, na morte de deus. Ao criar os seres humanos, deus esqueceu seus anjos, abandonando-os e, por conseguinte, abandonando o paraíso. O paraíso que, de fato, se perdeu. A incapacidade para amar desse deus, não mais onipresente, se reflete na mesma incapacidade de compaixão pelos seres criados por ele. Em *O Banquete*, Aristófanês explica a origem do amor. Para ele, os homens eram diferentes e possuíam três sexos, o masculino, o feminino e o andrógino. Como os seres humanos se rebelaram contra os deuses, Zeus os puniu dividindo-os em duas partes e dando-os um umbigo para sempre lembrá-los do castigo. Os homens, agora fracos, passam a vida procurando sua outra metade, aquela separada pelo deus do Olimpo. O anjo, ao acusar os homens de tomarem o seu lugar, compara o paraíso ao novo estado do corpo do ser humano.

Depois do terremoto que destruiu a utopia, o paraíso se dividiu e, ao se dividir, perdeu a força, da mesma forma que o corpo humano dividido se enfraqueceu. A fraqueza do homem levou a uma fragmentação da utopia, a qual não poderia mais ser reinventada. Existe uma dicotomia entre a morte de deus, declarada por Nietzsche, ou seja, o esvaziamento total do paraíso e a esperança messiânica de Walter Benjamin. O messias nunca iria voltar, pois ele estava morto. A solubilidade do mundo contemporâneo faz com que o messianismo perca o seu lugar. A perda da esperança, a perda do halo do anjo, a incapacidade de amar e, acima de tudo, a incapacidade de olhar para si próprio (ou para o próprio umbigo) retomam a problemática do que é a história: um aglomerado de horror circundado pela incompletude do ser humano. O tempo, que somente começou a passar com a invenção do humano, remete a Kant. Para o filósofo alemão, o tempo não é um conceito universal, mas uma forma pura de intuição sensível. O tempo, que para o anjo não existia, se faz agora cognoscível e sensível a ele. O movimento incessante do progresso, do andar para frente, faz com que este ser, que no passado era etéreo, seja agora desprovido de valor, esvaziado de sua real significância. A alegoria do progresso de Benjamin aponta para o fato de o homem não poder mais disponibilizar o seu tempo para lembrar o passado. E, por consequência, ele se esvazia de sabedoria. Para o anjo, o tempo é um vírus, o progresso é um vírus que só se torna possível com o passar do tempo. O conceito de mudança só se torna possível, assim como o conceito de movimento, através do tempo, da passagem do tempo. O homem dotado da faculdade da imaginação é capaz de mudar, de pensar. No entanto, a capacidade de mudança do homem se fez dispensável, ele não mais se torna sábio. Ele muda, mas a continuidade do tempo o faz repetir os erros do passado, tornando-o um predador, ao invés de um construtor. Levando em consideração que o homem foi criado à imagem de deus, deus se torna um predador. O anjo do apocalipse de Kushner corrobora essa ideia de deus como a “imitação de vocês” [dos homens]. Deus, ao abandonar seus anjos, levou a destruição total ao paraíso. Destruição tal, que é possível ver os seus escombros. O homem, da mesma forma que o anjo, e, por conseguinte, deus, perde o seu valor no movimento do tempo.

O anjo: quatro emanções divinas, Flúor, Fósforo, Luz e Vela; manifestam em Um: O Poder Supremo da América Continental “*The angel, four divine emanations,*

Fluor, Phosphor, Lumen and Candle; manifest in One: the Continental Principality of America”, é um ser etéreo iluminado que guia a todos. Nele o poder da luz está altamente exacerbado, ele é ao mesmo tempo flúor, fósforo, luz e vela. A força da luz remete a John Winthrop, em seu sermão durante a viagem do Arbella para o novo mundo:

[P]recisamos considerar que seremos como uma Cidade numa Colina, os olhos de todas as pessoas estão pousados sobre nós; de modo que, se agirmos falsamente com nosso Deus, neste trabalho que empreendemos, e assim o fizermos retirar sua presente ajuda de nós, seremos transformados em história e objeto de desprezo através do mundo... (Crasnow, 1981, p. 51).

Essa Cidade seria um tipo de Sião (cidade celestial), ou seja, um novo Éden terrestre, que, acreditavam os puritanos, ainda existia. William Bradford, em *Of Plymouth Plantation*, de 1630, como Winthrop, concorda que o objetivo dos puritanos quando da ida para os EUA, era de serem a luz que serviria de exemplo para todos os outros povos seguirem e quererem ser iguais. A ideia do povo escolhido também traz consigo outra implicação: pensar em si mesmo como uma sociedade predestinada por deus lhe confere um grau de superioridade frente ao resto da humanidade. Essa sociedade pura e justa que estava sendo construída nas colônias da América era pensada como um exemplo para a humanidade, o ideal que todas as demais sociedades deveriam (e iriam naturalmente desejar) seguir um dia. Assim, nasce a ideia do excepcionalismo americano, a construção de uma sociedade nova que possui dentro de si os desejos de deus e a virtude de toda a humanidade. Essa mesma ideia seria transplantada para a República quando da independência dos Estados Unidos. Segundo Junqueira,

[um] povo eleito por Deus mostraria para a humanidade como criar um país a partir de princípios éticos e moralmente virtuosa: essa seria sua missão providencial. Tal qual um farol para o mundo, aqueles homens acreditavam que estavam não só criando um sistema inédito, mas de alcance universal. Uma criação única, modelo que eles iniciavam e que a humanidade, inevitavelmente, iria seguir. Na perspectiva deles, era o único caminho moral possível e qualquer outro modelo estaria na direção errada. (JUNQUEIRA, 2001, p. 34-35)

Essa luz toda se manifesta em um só: o poder supremo da América continental. Esse nome não foi dado gratuitamente ao anjo, ao ser continental, os EUA se transformam em totalizantes e, por isso, são capazes de dominar todos os povos que, aos seus olhos, são inferiores. Novamente, os EUA voltam a ser o farol para o resto do mundo – o

tirano estadunidense, o modelo a ser seguido por todos. O anjo, como a América, segundo Kushner, é augusto, sério e poderosamente perigoso.

O poder do anjo se faz visível quando ele faz Prior procurar pelos Implementos Sagrados que estavam escondidos na cozinha. Prior aqui se transforma no Profeta Americano, que vai levar a cabo as vontades do anjo ou a vontade do poder supremo. Os olhos que trespassam a Escuridão se opõem à cegueira. Prior, assim como Tirésias, tem agora o poder de predizer o futuro. Tirésias, mesmo sem os olhos, tinha o poder da clarividência, de enxergar a corrupção vista por mais ninguém. Agora, os olhos de Prior têm o poder de enxergar através da escuridão, ou seja, de enxergar o que está errado com os EUA. As asas do anjo, comparadas às folhas de aço afiadas, são ameaçadoras, e, por serem objetos cortantes, têm maior capacidade para o ataque. O ato de atacar aqui pode ser entendido de duas maneiras: como uma ameaça pessoal a Prior ou como o prenúncio do desastre. É nas asas do anjo de Klee que a tempestade se prende, a tempestade tão devastadora quanto o terremoto que destruiu o paraíso:

Naturalmente você vê para onde estamos Progredindo
 O tecido do céu se separa:
 Anjos sobrevoam, dedos ansiosos tocam as bordas esfarrapadas.
 Antes do ferver do sangue e do endurecimento da pele vem a
 Catástrofe secreta:
 Antes que a Vida na Terra se torne impossível,
 Ela terá se tornado insuportável
**VOCÊS O FIZERAM IR EMBORA! VOCÊS PRECISAM PARAR DE SE
 MOVIMENTAR!**
 Abandone a Estrada Aberta: Não se misturem não façam casamentos
 multirraciais
 Deixe que Raízes Profundas Cresçam: Se vocês não se MISTURAREM
 vocês Pararão de
 Progredir: Não procurem Entender o Mundo e sua Delicada Lógica de
 Partículas: Vocês não Entendem, Vocês só conseguem destruir, Vocês Não
 “Avançam”, Vocês somente Pisoteiam
 Pobres Crianças cegas, abandonadas na Terra, Tateando amedrontadas,
 Mal orientadas, por cima de campos de carnificina, por cima de corpos da
 matança:
PAREM!
 Não há nenhum Sião Salvo Onde Vocês Estão!
 Se vocês não conseguirem encontrar o que vocês mais desejam –
 Vocês nunca o perderam. (KUSHNER, 2003, p. 54-55)^v

O prenúncio do desastre é a chave para o progresso. O anjo exige novamente que os humanos parem de se movimentar. Casamentos interracialis ou homossexuais não são permitidos, o ideal seria o crescimento de raízes profundas, o que significa ter uma visão conservadora do mundo, a mesma que Ronald Reagan pretendia preservar na

década de 1980. O homem, segundo o anjo, tem pouco entendimento do mundo; ele não consegue compreender, somente destruir. Mas o que o homem destrói, à medida que marcha rumo ao futuro, é com o conservacionismo regido pela extrema-direita que, segundo James Davison Hunter, cria uma guerra cultural, quando forças ortodoxas e progressivas se enfrentam criando uma guerra entre as instituições sociais estadunidenses. A visão ortodoxa do anjo da América faz com que a sua verdade moral seja imutável, universal e sancionada por deus. Logo, ao dizer que o homem só destrói, o anjo afirma que ele aniquila valores que para o ser sobrenatural deveriam ser imutáveis, preconizando ainda mais uma sociedade preconceituosa e sem caráter.

Na primeira cena de *Perestroika*, Prior e Belize conversam sobre a possível melhora e o fato de ele ter ganhado um livro, um livro que apesar de não ser físico está no corpo dele. O fato de o livro estar no corpo de Prior o transforma em uma profecia. A cena na qual o anjo aparece pela primeira vez é repetida na segunda parte de *Angels in America*, quando as sensações corpóreas de Prior se juntam às do anjo e culminam em um momento de prazer e êxtase para os dois. Para o anjo,

Você é somente Carne.
 Eu Eu Eu Eu sou super Carne,
 Densidade do Desejo, A Gravidade da Pele:
 O que faz a máquina da criação rodar?
 Não é a física, mas o êxtase que faz o motor funcionar:
 O Pulso, O Puxão, A Pulsação, O Escoar...
 (...)
 A junção emplumada das Ordens Superiores,
 Infinita, Incessante, O Sangue-Pulsante da Criação!
 (...)
 O Corpo é o Jardim da Alma. (KUSHNER, 2003, p. 43-44)^{vi}

O corpo de Prior agora é o jardim da alma. Susan Leigh Foster (1995) considera que a cada movimento se constrói um novo significado corporal elaborado através de inúmeros encontros com outros corpos, cada escritura do corpo mantém uma relação não natural entre a sua fisicalidade e referencialidade. A relação entre o físico e o conceito não é permanente; ela muda, se transforma a cada novo encontro. A doença que levará Prior à morte o transforma. O encontro com o anjo significa uma nova possibilidade de iluminação. A possibilidade da profecia. A descrição do ato sexual vira a descrição da máquina da criação, ou seja, do movimento do mundo que somente é possível na temporalidade. A transitoriedade desse movimento é incessante, pulsante e,

claramente, transbordante. Prior ainda complementa que “cada anjo é um agregado infinito de entidades, eles são basicamente poderosos burocratas, eles não têm imaginação, eles podem *fazer* qualquer coisa, mas não podem inventar, criar, eles são meio que fabulosos e sem graça ao mesmo tempo, e eles copulam, *sem parar*, aparentemente, os anjos, eles – (...) (KUSHNER, 2003, p. 46)”^{vii} e “quando os anjos gozam, eles criam uma coisa chamada, ahm, plasma orgasmata que faz uma coisa... uma outra coisa chamada protomatéria que é o que faz... Todo o resto. Criação. (KUSHNER, 2003, p.47)”^{viii} Pode-se encontrar um contraponto ao Paraíso destruído em Sodoma e Gomorra, cujos habitantes eram perversos e imorais. Segundo o livro do Gênesis, dois anjos dizem a Abraão que "o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito". Abraão, então, intercede consecutivas vezes pelo povo sodomita e deus, ao final, lhe responde que se houvesse em Sodoma dez justos ela não seria destruída. Nesse mesmo dia, os dois anjos vêm à cidade e ficam hospedados na casa de Ló. No entanto, os homens da cidade cercaram a casa dele a fim de terem relações sexuais com seus dois hóspedes. Ló, então, sai na defesa dos anjos, oferecendo suas filhas virgens para aplacar o desejo da multidão. Inicia-se, então, a destruição de Sodoma e de toda a planície daquela região. O fim do paraíso na obra de Kushner se equipara ao fim da cidade de Sodoma. A semelhança paradoxal está no fato da destruição dos dois paraísos terem acontecido porque seus habitantes, de alguma maneira, não respeitaram a vontade divina.

David Savran afirmou que a construção do anjo reprime a sua historicidade. Kushner, em uma entrevista sobre *Perestroika* na década de 1990, disse que a peça é sobre perda e como não se desfigurar por causa dela. Ele acrescenta, ainda, que a peça se transformou em uma metáfora perfeita para a mudança humana em relação ao que era nos tempos violentos de 1990 quando o mundo realmente parecia ter milagrosamente se transformado. O homem teve a sua primeira chance de mudar, de evitar a inércia, de se mexer e, diferentemente do que o anjo queria que o fizesse: sair da paralisia.

Recipiente do LIVRO: Oh exemplo paralítico:
Em cima de você em você no seu sangue nós escrevemos:
ESTASE!
O FIM. (KUSHNER, 2003, p.57)^{ix}

Sendo assim, a construção do anjo não reprime sua historicidade, muito pelo contrário. É nela que o anjo de fato é construído. O anjo da história traz em sua memória o que ele tenta evitar a todo custo: o fim.

No último ato de *Perestroika* o anjo volta à cena. Prior finalmente rejeita o livro que foi supostamente dado a ele e, a fim de se livrar do seu destino, desafia o anjo para uma batalha. Prior agarra o anjo e afirma que não o deixará ir a não ser que ele o abençoe. (KUSHNER, 2003, p.194) A luta continua, pois o anjo, como Poder Supremo da América Continental, não pode aceitar a derrota. É ele a ave de rapina, o caçador, nunca o constrangido (KUSHNER, 2003, p.194).^x No entanto, Prior vence a batalha, ganha acesso ao paraíso e a permissão para devolver o livro. Agora é dada a Prior a faculdade de ir e voltar do paraíso. Ele sobe a escada. Com roupas de profeta e carregando o *Livro da Epístola Anti-Migratória [Book of the Anti-Migratory Epistle]* Prior toma conhecimento do estado real do paraíso – um lugar que se parece muito com São Francisco depois do enorme terremoto de 1906, abandonado, desamparado, em ruínas, entulhado. (KUSHNER, 2003, p.197)^{xi} Os anjos estavam lá esperando por ele.

Em volta de um rádio antigo, os poderes supremos de todos os continentes escutam as notícias futuras:

Uma semana depois da explosão no reator número quatro o fogo continua a queimar e um estimado...(estática)...liberando na atmosfera cinquenta milhões de curies de iodo radioativo, seis milhões de curies de cézio e estrôncio subindo em uma nuvem a cinco milhas de altura, carregada pelo vento acima de uma área que se espalha dos Urais a milhares de milhas além das fronteiras soviéticas, ela... (estática) ... caindo feito neve no rio Dnieper, que fornece água potável para trinta e cinco milhões de pessoas... é uma consequência direta da cultura da falta de atenção e segurança causada pelo isolamento da Guerra Fria... Entulho radioativo contamina mais de trezentos mil hectares de solo arável por pelo menos trinta anos, e... (estática)... agora ouvindo a respeito de milhares de trabalhadores que absorveram cinquenta vezes a dose letal de... (estática)... a Rádio BBC, noticiando ao vivo de Chernobyl, no oitavo dia do... (KUSHNER, 2003, p. 212-213)^{xii}

O desastre da usina atômica de Chernobyl chega ao conhecimento dos anjos três dias antes do seu acontecimento; no entanto, como são seres sem vontade própria, eles não podem fazer nada para evitar a catástrofe. O poder supremo da Antártica comenta: “Infinidades incontáveis. Horrível. Pelas suas próprias mãos.” (KUSHNER, 2003, p. 213)^{xiii} A fala desse anjo reitera a possibilidade de escolha do ser humano, contrária à vontade dos anjos, pois eles “gostariam de deter-se para acordar os mortos e juntar os

fragmentos”. Infelizmente, a faculdade de escolha do homem somente o leva a erradicar sua própria capacidade de se movimentar. Os mortos nunca voltam para narrar o passado. Os anjos são meras testemunhas impotentes (KUSHNER, 2003, p. 215)^{xiv}. O anjo da morte apresenta Prior para o Conselho que o recebe dizendo estarem trabalhando, fazendo progresso (KUSHNER, 2003, p. 216).^{xv} Entende-se então que o passado inarrável se configura no presente, na tempestade que carregou o anjo na direção do futuro e que é ainda definida como o progresso. A tempestade, ou o meio de alcançar o progresso, para Walter Benjamin, foi o que levou milhares de pessoas à morte e, na continuidade da história, essa mesma tempestade ainda viria a extinguir muitas vidas.

Mesmo assim, Prior quer viver. Para ele:

Nós simplesmente não podemos parar. Nós não somos pedras. Progresso, migração, movimento é... modernidade. É *animada*, é o que fazem as criaturas vivas. Nós desejamos. Mesmo que todo o nosso desejo seja silêncio, nós ainda desejamos. Mesmo se nós formos mais rápidos do que devemos. Nós não podemos esperar. E esperar por quem? Deus – Ele não vai voltar. E mesmo se Ele for... Se ele realmente voltar, se ele tivesse a coragem de mostrar a cara, ou seu glifo ou qualquer coisa no Jardim novamente. Se depois de toda essa destruição, se depois de todos esses dias terríveis deste século horrível ele voltasse para ver... quanto sofrimento seu abandono criou, se tudo o que ele tem a oferecer é a morte, vocês deveriam processar o bastardo. É somente a minha contribuição a toda essa Teologia. Processem o bastardo por cair fora. Como ele se atreve. Ele tem que pagar (KUSHNER, 2003, p.217).^{xvi}

Ao contrário de Vladimir e Estragon, Prior decide não esperar por Godot, pois esperar por algo que não tem certeza que existe ou que vai se resolver é simplesmente infrutífero. Ele decide se mexer, pois de uma coisa ele tem certeza: ele quer viver, por pior que seja viver neste mundo.

Eu quero mais vida. Não consigo me aguentar. Eu quero. Eu vivi por tantas coisas ruins e tem pessoas que viveram por coisas muito muito piores, mas... você as vê vivendo mesmo assim. Quando elas são mais espírito do que corpo, mais feridas do que pele, quando elas queimam e agonizam, quando moscas colocam ovos nos cantos dos olhos de suas crianças, elas vivem. Eu não sei se isto é só o animal. Eu não sei se não é mais corajoso morrer. Mas eu reconheço o hábito. O vício de estar vivo. Nós vivemos além da esperança. Se eu puder encontrar esperança em algum lugar, é isso aí, é o melhor que posso fazer. É tão insuficiente, tão inadequado, mas... Abençoe-me de qualquer maneira. Eu quero mais vida. Vocês não sabem o que está para acontecer. Vocês só viram o que vocês têm medo que aconteça. Até que aconteça – por favor não se ofendam – tudo o que vocês veem é medo. Eu vou, eu vou deixar o paraíso agora. Eu vou levar a minha doença comigo, e...

Eu vou levar a minha morte comigo também. A terra é a minha casa e eu quero ir para casa (KUSHNER, 2003, p.220-221).^{xvii}

Poesia ainda poderia ser feita depois de Auschwitz (ADORNO, 1998, p. 26).^{xviii}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. W. *Prismas: Crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Matos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998. (Série Temas, volume 64 – Sociologia e Crítica Cultural)

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (*Obras escolhidas*; vol. I)

BRADFORD, William. *Of Plymouth Plantation*. Disponível em: <http://mith.umd.edu/eada/html/display.php?docs=bradford_history.xml>. Acessado: 3/11/2011

CRASNOW, Ellman & HAFFENDEN, Philip. “New Founde Land” in *Introduction to American Studies*, eds. Malcom Bradburry and Howard Temperley. London and New York: Longman, 1981

CRAWFORD, Bartholow V. *et alii. An Outline History of American Literature*. New York: Barnes FOSTER, Susan Leigh. *Choreographing History*. Indiana University Press, 1995

FOSTER, Susan Leigh. *Choreographing History*. Indiana University Press, 1995

HUNTER, James D. *Culture Wars: The Struggle to Define America*. NY: Basic Books, 1991

JUNQUEIRA, Mary A. Estados Unidos: A Consolidação da Nação. TORRES, Sonia, org. *Raízes e Rumos – Perspectivas Interdisciplinares em Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2001.

KANT, Immanuel. *Critique of Pure Reason*. Trans. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1996

KUSHNER, Tony. *Angels in America: A Gay Fantasia on National Themes: Millennium Approaches/Perestroika*. New York: Theatre Communications Group, 2003

PLATAO. *O Banquete*. www.dominiopublico.org, 12/09/2019

SAVRAN, David. "Ambivalence, Utopia, and a Queer Sort of Materialism: How Angels in America Reconstructs the Nation". In: *Theatre Journal*, Vol. 47, No. 2, Gay and Lesbian Queeries, 1995

SCAPP, Ron. "The Vehicle of Democracy: Fantasies toward a (Queer) Nation", In: GEIS, Deborah R. *Approaching the Millennium: Essays on Angels in America*. MI: University of Michigan Press, 1997

RAYMOND, Gerard. "Q & A with Tony Kushner". In: *Theater Week (0896-1956)*, 7 (332), p. 14

ROKEM, Freddie. *Philosophers and Thespians: Thinking Performance*. Edição Kindle. Stanford University Press, 2009

VOGEL, Dan. *The Three Masks of American Tragedy*. Louisiana State University Press: Baton Rouge, 1974

ⁱ A sound, like a plummeting meteor, tears down from very, very far above the earth, hurtling at an incredible velocity towards the bedroom; the light seems to be sucked out of the room as the projectile approaches; as the room reaches darkness, we hear a terrifying CRASH as something immense strikes earth; the whole building shudders and a part of the bedroom ceiling, lots of plaster and lathe and wiring, crashes to the floor. And then in a shower of unearthly white light, spreading great opalescent grey-silver wings, the angel descends into the room and floats above the bed. (KUSHNER, 2011, p. 207-208)

ⁱⁱ Aqui ainda podemos adicionar que os EUA continuam, nos dias de hoje, sendo o país mais poderoso do mundo. Contudo, para efeito do contexto histórico que pretendo apontar em *Angels*, a Guerra Fria era o que ainda estava sob escrutínio.

ⁱⁱⁱ *Although the construction of the Angel represses her/his historicity, the Heaven s/he calls home is explicitly the product (and victim) of temporality.*

^{iv} *Heaven is a city much like San Francisco.*

^v *Surely you see towards what we are Progressing/The fabric of the sky unravels:/Angels hover, anxious fingers worry the tattered edge./Before the boiling of blood and the searing of skin comes the /Secret catastrophe:/Before Life on Earth becomes finally merely impossible,/It will for a long time before have become completely unbearable./YOU HAVE DRIVEN HIM AWAY! YOU MUST STOP MOVING!/Forsake the Open Road: Neither Mix Nor Intermarry/Let Deep Roots Grow: If you do not MINGLE you will Cease to/Progress: Seek Not to Fathom the World and its Delicate Particle Logic: You cannot Understand, You can only Destroy, You Do not/"Advance", You only Trample./Poor blind Children, abandoned on the Earth, Groping terrified,/Misguided, over Fields of Slaughter, over bodies of the Slain:/HOBBLE YOURSELVES!/There is No Zion Save Where You Are!/If you Cannot find your Heart's Desire –/You never lost it to begin with.*

^{vi} *You are Mere Flesh. I I I I am Utter Flesh, Density of Desire, the Gravity of Skin: What makes the Engine of Creation Run? Not Physics But Ecstasies Makes The Engine Run: The Pulse, The Pull, The Throb, The Ooze.../ (...) The Feathery Joinings of the Higher Orders, Infinite, Unceasing, The Blood-Pump Of Creation!/ (...) The Body is the Garden of the Soul.*

^{vii} *Each angel is an infinite aggregate myriad entity, they're basically incredibly powerful bureaucrats, they have no imagination, they can do anything but they can't invent, create, and they copulate, ceaselessly, apparently, the angels, they – (...) [itálicos no original]*

^{viii} *When angels cum, they make something called, um, plasma orgasmata which makes some... other thing called protomatter which is what makes... Everything else. Creation. (...)*

^{ix} *Vessel of the BOOK now: Oh exemplum Paralyticum:/On you in you in your blood we write have written:/STASIS!/The END.*

^x *III Am the/CONTINENTAL PRINCIPALITY OF AMERICA, IIII/AM THE BIRD OF PREY I Will NOT BE COMPELLED, I -*

^{xi} *Prior Walter is in Heaven. (...) Heaven looks mostly like San Francisco after the Great 1906 Quake, deserted, derelict, beautiful building in ruins, rubble strewn everywhere.*

One week following the explosion at the number four reactor, the fires are still burning and an estimated ... (Stactic)... releasing into the atmosphere fifty million curies of radioactive iodine, six millium curies of caesium and strontium rising in a plume over five miles high, carried by the winds over an area stretching from the Urals to thousand of miles beyond Soviet borders, it... (Stactic)

^{xii}*(...) falling like toxic snow into Dnieper River, which provides drinking water for thirty-five million... is a direct consequence of the lack of safety culture caused by Cold War isolation... Radioactive debris contaminating over three hundred thousand hectares of topsoil for a minimum of thirty years, and... (stactic)... now hearing of thousand of workers who have absorbed fifty times the lethal dose of... (statics)... BBC Radio, reporting live from Chernobyl, on the eighth day of the...*

^{xiii}*(...) Uncountable multitudes. Horrible. It is by their own hands.*

^{xiv}*In Diodes we see manifest the selfsame Divided Human Consciousness which has engendered the multifarious catastrophes to which We are impotent witness. But -*

^{xv}*We were working./Making progress.*

^{xvi}*We can't stop. We're not rocks. Progress, migration, motion is...modernity. It's **animate**, it's what living things do. We desire. Even if all we desire is stillness, it's still desire for. Even if we go faster than we should. We can't wait. And wait for what? God – He isn't coming back. And even if He did... If He ever did come back, if He ever dared to show His face, or his Glyph or whatever in the Garden again. If after all this destruction, if after all the terrible days of this terrible century He returned to see... how much suffering His abandonment had created, if all He has to offer is death, you should sue the bastard. That's my only contribution to all this Theology. Sue the bastard for walking out. How dare He. He oughta pay.*

^{xvii}*I want more life. I can't help myself. I do. I've lived through such terrible times, and there are people who lived through much much worse, but... You see them living anyway. When they're more spirit than body, more sores than skin, when they're burned and in agony, when flies lay eggs in the corners of the eyes of their children, they live. Death usually has to take life away. I don't know if that's just the animal. I don't know if it's not braver to die. But I recognize the habit. The addiction to being alive. We live past hope. If I can find hope anywhere, that's it, that's the best I can do. It's so much not enough, so inadequate but... Bless me anyway. I want more life. You haven't seen what's to come. You've only seen what you're afraid is coming. Until it arrives – please don't be offended but – all you can see is fear. I'll, I'm leaving heaven to you now. I'll take my illness with me, and... And I'll take my death with me too. The earth's my home, and I want to go home.*

^{xviii}*Adorno disse uma vez que "escrever um poema depois de Auschwitz é um ato de barbárie, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas."*